

# JOHN DEWEY E A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO QUALITATIVO PARA A DEMOCRACIA<sup>1</sup>

JOHN DEWEY AND THE  
IMPORTANCE OF THE  
“QUALITATIVE” FOR  
DEMOCRACY

Gregory Pappas<sup>2</sup>

## Resumo

O pensamento qualitativo tem grande importância e direta relação com a deliberação pública. A visão pragmática proposta por Dewey dá a condição intelectual para os pensadores de hoje enfrentar os problemas hodiernos, filósofos pragmáticos da democracia não devem diminuir ou negligenciar a importância da dimensão qualitativa da democracia. Isso equivaleria a tentar reprimir o que não pode nem deveria sofrer repressão.

Palavras-chave: Pragmatismo. Pensamento qualitativo. Democracia. Desafios contemporâneos.

---

<sup>1</sup> Tradução de Renato Feitosa, mes- trando em Direito pela UFPE, e revisão técnica de Bruna Borba, pesquisadora doutora do CIHJur.

<sup>2</sup> Professor da Universidade do Texas – USA.

## Abstract

*The qualitative thinking is very important and directly related to public deliberation. A pragmatic approach proposed by Dewey gives the condition for intellectual thinkers of today face today's problems, pragmatic philosophers of democracy should not diminish or overlook the importance of the qualitative dimension of democracy. This would amount to try to suppress what can neither should suffer repression.*

*Keywords: Pragmatism. Qualitative thoughts. Democracy. Contemporary challenges.*

Em que pese o fato de Dewey haver escrito acerca da importância do pensamento qualitativo (ou seja, do pensamento que é não cognitivo, não linguístico e tem sido associado a “percepções intuitivas”), há poucos estudiosos de Dewey que se preocuparam com ou deram continuidade à reconstrução desse aspecto da sua filosofia<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Seria por considerarem as afirmações de Dewey muito radicais ou pelo medo de que a discussão sobre o pensamento “qualitativo” os fizessem vulneráveis a acusações absurdas de subjetivismo, de seguir as ideias de WILFRID SELLARS com o seu “*myth of the given*”, ou mesmo misticismo? Talvez apenas não vejam futuro na exploração desse

Isso é intrigante, especialmente quando há um corpo crescente de pesquisa em torno da psicologia social e das ciências cognitivas que dão base à visão de Dewey sobre o pensamento qualitativo<sup>4</sup>. Meu interesse, entretanto, não é avaliar criticamente os motivos pelos quais os Deweyanos demonstraram reservas quanto a essa questão, mas encontrar um argumento positivo para que os Deweyanos (e pragmáticos em geral) devam, mais do que nunca, abraçar e continuar a investigar o pensamento qualitativo na experiência.

Irei argumentar que, se você se importa com a democracia, e a maioria dos Deweyanos se importa ou deve-

ria, então você deve investigar a função do pensamento qualitativo na democracia. Dewey afirmava que a democracia era uma tarefa inacabável. Vou sugerir algumas tarefas positivas e promissoras para nós (Deweyanos), enquanto reconstruímos sua filosofia para o século XXI. A má qualidade do discurso público na América requer a expansão da lógica de Dewey para incluir e elaborar as percepções que ele nos deixou sobre o inevitável papel do pensamento qualitativo. Há a necessidade de mais pesquisas interdisciplinares, de uma aproximação com “revolução afetiva” das ciências, evitando a dicotomia entre razão e sensibilidade.

---

aspecto da filosofia de Dewey. Estou aberto a argumentos.

<sup>4</sup> Op Cit HAITT, Jonathan. “The Emotional Dog and Its Rational Tail: A Social Intuitionist Approach to Moral Judgment” *Psychological Review*. 2001 (108), 814-834; GREEN & HAITT. “How (and Where) Does Moral Judgment Work?” *Trends in Cognitive Science*, (2002), 6(12), 517-523; VARELA, Francisco. “Ethical Know-how: Action, Wisdom, and Cognition (Stanford, CA: Stanford University Press, 1999).

## **UMA ABORDAGEM DEWEYANA SOBRE OS PAPEIS INVERTIDOS OU PROBLEMÁTICOS DESEMPENHADOS ATUALMENTE PELO PENSAMENTO QUALITATIVO**

Qualquer um que tente demonstrar porque o pensamento qualitativo é importante para a democracia se de-

fronta com o desafio de não ser sua reputação muito positiva. Nós todos sabemos que o pensamento qualitativo tem desempenhado papéis invertidos e problemáticos nos discursos públicos na América e em outros lugares. Os aspectos perigosos da retórica e da persuasão emocional são atualmente mais relevantes que nos tempos de Dewey. As pessoas são movidas por friolidades, divertimentos e medos. São seduzidas por imagens, propaganda e demagogia, e não pela força dos argumentos. Hoje, existem novas formas de persuasão emocional que são consequências do meio no qual são realizados os diálogos da vida social. Nós vivemos num mundo onde imagens e outros meios não cognitivos e não verbais impedem ou desviam a investigação.

Há, contudo, uma acentuada diferença entre a abordagem Deweyana desses problemas, baseada no pensamento qualitativo e as usualmente preferidas pelos filósofos. Os temas gerais, que não representam qualquer ideia ou teoria, mas que “entretêm o pú-

blico até a morte”<sup>5</sup> são facilmente descartados pelos filósofos intelectuais como algo ordinariamente irracional, psicológico, subjetivo e além do domínio da lógica. O mesmo alibi utilizado pela filosofia e criticado por Dewey: basta rotular alguma coisa de “irreal” ou “irracional” para fazê-la desaparecer. A visão Deweyana de deliberação pública não está propensa a esse tipo de erro, pois sustenta que aquilo que é emocional, qualitativo, imaginativo, não cognitivo, não verbal, é um importante aspecto de qualquer processo genuíno de deliberação. A solução Deweyana não finge reprimir o que não pode ser reprimido. Ademais, Dewey era cético quanto à ideia de que a solução dessa situação problemática estaria no retorno ao monopólio da cultura escrita. Esses dias se foram. Ao contrário, como veremos, a solução de Dewey para os

---

<sup>5</sup> Expressão original “*Amusing the Public to Death*” do inglês. Expressão usada por Neil Postman em “*Amusing Ourselves to Death*”. New York: Penguin Books, 2005.

problemas causados pelo pensamento qualitativo, é a aplicação de mais, e não menos, pensamentos qualitativos (assim como as suas soluções para os problemas da Democracia são mais democracia).

A palavra “qualidade” pode criar dificuldades para a compreensão das ideias de Dewey. Na filosofia é normalmente associada tanto a algumas propriedades abstratas da metafísica quanto a alguns fenômenos “subjetivos” (como na emotividade). Em Dewey, o termo “qualidade” aponta simplesmente para as nossas experiências pré-teóricas e pré-cognitivas no mundo. Um mundo qualitativo de pessoas e coisas é o contexto mais básico e abrangente onde a linguagem, o conhecimento e todas as nossas atividades mais argumentativas (incluindo a filosofia) são encontradas. “Um universo de experiência é pré-requisito de um universo do discurso” (LW 12:74).

O pensamento surge do interior e emerge de profundas e qualitativas situações que compõem os momentos das nossas vidas. Tudo, embo-

ra, situado, incorporado, fundido com sentimento. Como Mark Johnson afirma em “The Meaning of the Body”<sup>6</sup>, “mesmo nossos conceitos mais abstratos e formais não têm sentido sem alguma conexão com uma experiência vivida”<sup>7</sup>. O pensamento é um processo que requer experiências vividas em todos os seus estágios, e mesmo relações lógicas correspondem a um processo de experimentação. A visão de Dewey é, em certa monta, radical. Não é a visão de que os sentimentos acompanham nossa compreensão das relações lógicas, mas sim de que a “percepção da qualidade, da conexão e da direção está no cerne do raciocínio lógico, como que orientando a investigação da realidade”<sup>8</sup>.

Para Dewey, o qualitativo e o imaginativo são aspectos que integram qualquer deliberação; mais, eles são a chave para a regulação da delibera-

<sup>6</sup> JOHNSON, Mark. *The Meaning of the Body: Aesthetics of Human Understanding*. Chicago, Illinois: University Of Chicago Press, 2008.

<sup>7</sup> *Ibid.* p. 93.

<sup>8</sup> *Ibid.* p.103.

ção. Deliberação pode requerer raciocínio e exame das proposições, porém é também um processo imaginativo e, sobretudo, é o aspecto qualitativo que fornece a orientação necessária para que se chegue a um julgamento. Uma vez que as teorias políticas contemporâneas tornaram a “racionalidade pública” mais histórica, epistêmica, dialógica e linguística, poder-se-ia questionar se ela teria absorvido, em sua essência, a dimensão qualitativa na forma exposta por Dewey<sup>9</sup>. Para Dewey,

---

<sup>9</sup> Há, por óbvio, visões neo-aristotélicas (e.g. Martha Nussbaum), neo-Humeanas (e.g. Sharon Krause), e feministas (e.g. Iris Young) que sublinharam emoções e criticaram as concepções racionalistas do discurso público pelos democratas deliberantes. Um objeto para um papel e investigação diversa é a extensão para qual essas visões são um departamento radical de tradição em preocupar-se com o qualitativo como concebido por Dewey. Tenho poucas razões *prima facie* para ser cético. Primeiro, na medida que muitas dessas visões recentes estão readotando modelos Aristotélicos e Humeanos de cognição, eles estão incorrendo no perigo de pressupor os mesmos dualismos e faculdades psicológicas que Dewey argumentou

investigação pública ou coletiva é a pesquisa e o exame de soluções e afirmações propostas à luz do e por causa de um problema “sentido” e compartilhado. Embora seja importante numa democracia que esse processo inclua apelos a argumentos e experiências, isso não é o suficiente. O próprio processo é qualitativo e depende do pensamento qualitativo para a sua própria transformação. Portanto, investigadores devem possuir mais atributos que aqueles associados ao intelecto, eles precisam ser “afetáveis” por meios que são e que deveriam ser expli-

---

contra na sua reconstrução do pensamento qualitativo. Em segundo, muitas das recentes visões antirracionalistas são simples apontamentos do *status* cognitivo das emoções, no sentido de validar o seu papel na deliberação pública. A visão de Dewey é muito mais radical. A investigação é guiada pelo que é “sentido” nas formas mais fundamentais (ver Mark Johnson’s *The Meaning of the Body* University of Chicago Press, 2008). Mais além, a questão de Dewey a tendência tradicional de “hipostatizar emoções”. Dewey escreveu que “Experiência é emocional, mas não há coisas separadas chamadas de emoções dentro dela” (LW 10.48).

tados. Para Dewey, mesmo deliberações próprias e características de um cientista requerem afetação qualitativa. Ele escreveu que o “pensamento científico é, por sua vez, uma forma especializada de arte, com seu próprio controle qualitativo. Quanto mais matemática e formal a ciência se torna, mais ela é controlada pela sensibilidade a um tipo especial de considerações qualitativas”<sup>10</sup>(8) (LW 5:252).

Deliberação requer o aprendizado e a operação de certos hábitos incorporados. Alguns desses hábitos vão além das capacidades intelectuais associadas tradicionalmente à razão ou à lógica. A habilidade ou disposição para avaliar as implicações lógicas das nossas crenças e o hábito de não fazer inferências que não são garantidas pela evidência podem ser importantes, mas também os são os atributos da imaginação e da sensibilidade emocional. Na deliberação democrática, é importante ter cidadãos dispostos a adotar

o ponto de vista de outros e, em suma, dotados de todas as qualidades requeridas para realizar e experimentar interações significativas, educativas e democráticas.

De acordo com a visão de Dewey dos atributos ideais, necessitamos, para nos contrapormos à sedução de imagens e de aparências emocionais, que distorcem a investigação, de mais – não menos – hábitos emocionais e imaginativos. Como ele afirma: “a conclusão não é que o emocional, fase apaixonada da ação, pode ser ou deveria ser eliminado em favor de uma razão “fria“. Mais “paixões”, não menos, é a resposta. Para checar a influência do ódio, deve existir simpatia, enquanto para racionalizar simpatia devem existir emoções de curiosidade, cuidado,...”<sup>11</sup>.

Pragmáticos entenderam a força dos hábitos. Não é suficiente nos tornarmos conscientemente alertas de

---

<sup>10</sup> DEWEY, John. “Qualitative Thought” in *The Latter Works of John Dewey*, Vol. 5, p. 252.

---

<sup>11</sup> DEWEY, John. *Human Nature and Conduct* reprinted in *The Middle Works of John Dewey*, Vol. 14, ed. Jo Ann Boydston (Carbondale: Southern Illinois University Press, 1983), p. 136, my emphasis.

que somos emocionalmente manipuláveis, para evitar sermos emocionalmente manipulados. O que precisamos é de pessoas que possuam como atributos serem emocionalmente receptivas a duvidar e detentoras de uma habitual paixão pela crítica. Para neutralizar o desejo pelo conforto oferecido pelo absolutismo, nós devemos aprender, com frequência, a sentir algum entusiasmo e emoção ao nos depararmos com incertezas e contingências. Pode-se até argumentar que o que nós precisamos para combater a sedução das imagens é de pessoas com atributos que lhes permitam interagir com mais e não com menos imagens. Compreensão visual, comunicação e espírito crítico podem bem ter a sua própria lógica e situar-se em lugar adequado para o tipo de educação que é necessária. Essa é obviamente uma receita muito diversa da repressão recomendada por muitos filósofos em nome da razão e da democracia.

Uma razão pela qual o modelo de racionalidade pública na teoria política ignora

ou minimiza o qualitativo decorre de os filósofos associaram o afetivo ao que é pessoal, privado e idiossincrático e isso é, por conseguinte, o que deve ser superado se quisermos ter um discurso democrático público numa sociedade pluralista. Para Dewey, essa visão do afetivo deveria ser questionada<sup>12</sup>. Numa democracia, nós queremos que o povo tenha um tipo de comunicação em que a maioria seja capaz de transcender suas crenças e valores, para ter cidadãos que possam lidar com diferentes crenças/valores, porém isso é mais facilmente obtido com cidadãos que tenham incorporado hábitos imaginativos e emocionais. Não há ponto de vista universal, neutro, desprovido de valor e de emoção, pelo qual possamos lutar e decidir em um julgamento público. Isso não deveria ser uma causa para desesperança, mas uma razão para aprender

---

<sup>12</sup> Para a visão de Dewey do afetivo e similaridades com o pensamento feminista, ver PAPPAS, G.Fernando. "Feminism: The Affective and Relationships in Dewey's Ethics" *Hypatia*, Vol. 8, No. 2 (Spring, 1993), pp. 78-95.

a discernir hábitos de afetividade e imaginação bons e ruins. Como Dewey disse:

“Cada um somente pode ver a partir de certo ponto de vista, mas tal fato não confere a todos os pontos de vista um mesmo valor. Um ponto de vista que não se situa em nenhum lugar em particular é um absurdo. Mas alguém pode ser atraído por um ponto de vista que lhe permita desfrutar de um claro e fértil panorama, e não por outro em que as coisas lhe pareçam confusas e superficiais”<sup>13</sup>.

Dewey, por exemplo, apresentou a hipótese de que quando “simpatia”<sup>14</sup> se funde com outras virtudes, como sinceridade, ela se torna parte da aptidão democrática a ouvir os outros e a ver as coisas de acordo com os pontos de

vista dos outros, quer concordemos ou não. Ele afirmou que “nos colocarmos no lugar do outro, para vermos as coisas do ponto de vista dos seus valores e objetivos [...] é o melhor caminho para apreciar o que a justiça exige nos casos concretos”<sup>15</sup>. Todavia, a investigação de Dewey sobre os melhores e piores atributos associados aos problemas da democracia permanece uma tarefa incompleta e cuja conclusão repousa em aberto para a filosofia e outras disciplinas empíricas. Deweyanos deveriam enfrentar essa tarefa com seriedade, especialmente em face dos problemas de discurso público precário na América. Nós encontramos na filosofia de Dewey a possibilidade de desenvolver uma nova e promissora aproximação desse problema. De acordo com Dewey, a negligência com a estética e com os fatores afetivos (“sensibilidade direta”) na educação americana é “a mai-

---

<sup>13</sup> DEWEY, John. *The Latter Works of John Dewey*, v. 6, ed. Jo Ann Boydston (Carbondale: Southern Illinois University Press, 1985), p. 14-15.

<sup>14</sup> O que Dewey falou sobre simpatia está mais perto do que escritores feministas atualmente identificaram por “empatia”. MEYERS, Diana. “Moral Reflection: Beyond Impartiality and Reason,” *Hypatia*, 8 (3): 21-47.

---

<sup>15</sup> DEWEY, John. *Ethics in The Latter Works of John Dewey*, v. 7, ed. Jo Ann Boydston (Carbondale: Southern Illinois University Press, 1985), p. 251.

or deficiência do nosso sistema educacional no que diz respeito à formação do caráter”<sup>16</sup>. Nós precisamos de uma visão da educação para a democracia que enfatize – mais do que nunca – a compreensão visual, o exercício da imaginação e os sentimentos. Essa investigação deve ser, contudo, construída através de uma investigação empírica aplicada a ambas as distorções e funções positivas do pensamento qualitativo no discurso público. Em sequência, mostrarei como uma tal investigação é possível, começando com o pensamento de Dewey acerca das diferentes fases da investigação na sua obra “*Lógica*”. O que ofereço aqui é apenas um esboço, que deverá ser desenvolvido posteriormente, à luz de mais recentes pesquisas sobre o julgamento e a deliberação humanos nas ciências. Deweyanos devem se abrir para uma pesquisa inter-

disciplinar, se eles desejam melhorar as condições atuais.

## **DISTORÇÕES DO PENSAMENTO QUALITATIVO NAS DIFERENTES FASES DA INVESTIGAÇÃO**

O pensamento qualitativo deve ser estudado em relação a fases muito específicas da investigação na “*Lógica*” de Dewey. Investigação é a transformação de uma situação indeterminada numa situação determinada. É um processo contínuo com fases que requerem operações de raciocínio, observação e experimentação que culminam em um julgamento seguro. A triste verdade é que muitos de nós vivemos numa sociedade em que mais e mais esse processo de investigação é desviado. Se é verdade que algumas vezes o pensamento “qualitativo” pode ser culpado por tais desvios e distrações, Dewey não compartilha a ideia comum de demonização e de repressão ao pensamento qualitativo como ameaça ao discurso público democrático. Para Dewey, o problema não está no

---

<sup>16</sup> DEWEY, John. *The Middle Works of John Dewey*, v. 6, ed. Jo Ann Boydston (Carbondale: Southern Illinois University Press, 1978), p. 386.

pensamento “qualitativo” *per se* porque todos os pensamentos são qualitativos. Em geral, “sentimentos” são um dos importantes recursos que temos para guiar a investigação em todos os passos do processo. Em *Arte como Experiência*, Dewey diz que a qualidade não é apenas importante como um “estímulo à realização da investigação intelectual: mas à “preservação da honestidade””<sup>17</sup>. Se Dewey estiver correto, então erros em deliberações e investigações da comunidade talvez sejam “qualitativos” e não apenas “lógicos” (e.g., erros de racionalidade). Por exemplo, quando alguém “pula para uma conclusão” (um salto lógico ou inferência equivocada), ocorrem também “pulos” indesejáveis associados ao pensamento qualitativo. Uma pessoa ou comunidade pode se dotada de grandes poderes de lógica ou raciocínio, mas uma sensibilidade distorcida pode retardar a investigação. Em outras palavras, do ponto de vista da filosofia de Dewey,

---

<sup>17</sup> DEWEY, John. *Art as Experience* (Perigee Trade, 2005) p. 40.

há falhas no direcionamento da deliberação por não se atentar ao que seria “sentir” durante todo o processo de transformação de uma situação indeterminada em uma que é determinada. Essas falhas são sérias a partir do momento que ameaçam a democracia. A seguir, irei descrever algumas das falhas mais comuns no processo de investigação por meio do pensamento o qualitativo (da forma apropriada), em diferentes fases da investigação.

### **a) A Falha para "Sentir" o Problema**

Tanto Peirce quanto Dewey evidenciaram que a investigação é uma fase do processo que se inicia com a experiência qualitativa não cognitiva de dúvida ou indeterminação. "Um problema deve ser sentido antes de ser estabelecido"<sup>18</sup>. Um pensamento genuíno se estabelece quando se

---

<sup>18</sup> DEWEY, John. *Logic: The Theory of Inquiry*, reprinted in *The Latter Works of John Dewey*, v. 12, ed. Jo Ann Boydston (Carbondale: Southern Illinois University Press, 1986), p. 76.

distingue a percepção de um problema da reflexão explícita sobre "qual é o problema?" Há duas possíveis falhas "qualitativas" nessa fase do processo: (a) os investigadores falham ao identificar a distinção ou ao perceber que há uma indeterminação na situação, ou (b) embora "sintam" a indeterminação, há um salto ou desconexão entre essa fase inicial e a fase mais reflexiva de estabelecer o problema. Temo que meu uso da linguagem técnica de Dewey se perca entre conceitos mais concretos e entre lugares comuns. Assim, a seguir quero demonstrar como essas duas falhas representam uma usual ameaça à democracia.

O ideal de democracia requer cidadãos com capacidade de reflexão ou dispostos a deliberar sobre os problemas relevantes e compartilhados da democracia. Hoje, talvez mais ainda que no tempo de Dewey, a falta de propensão do público nesse sentido é um grave problema. Isso é normalmente identificado com a falta do hábito de reflexão intelectual das pessoas. Realmente, uma das mais antigas

críticas à democracia é a de que as pessoas não pensam e são, de fato, estúpidas ou não-inteligentes, especialmente no que se refere às questões públicas que deveriam ser objeto de deliberações públicas. A preocupação com as falhas individuais do cidadão leva muitos dos teóricos políticos a prescreverem a existência de espaços públicos que encorajem as pessoas a raciocinar juntas, deixando de lado sentimentos e valores privados. Para o pragmático clássico, contudo, esse é um diagnóstico superficial do problema e uma solução impraticável.

Devemos considerar quais seriam as condições de um pensamento genuíno. A dependência do pensamento ao sofrer situações indeterminadas indica que a falha ao experimentá-las, especialmente quando essa experiência for necessária, pode ser a culpada. Falando sem rodeios, como podemos esperar que as pessoas pensem em problemas centrais da nossa falsa democracia se eles primeiro não vivenciam esses problemas como problemas? As pessoas não pensarão simplesmente

porque foram convidadas para tanto. Como podemos esperar que as pessoas comam se não estão com fome? Gostaríamos que mais pessoas pensassem, mas "como fazer as pessoas pensarem" não pode ser isolado de "como fazer as pessoas "sentirem" a indeterminação de certas situações". Este é, de fato, um pré-requisito.

Há pessoas que, seja por qualquer razão, não têm capacidade de experimentar qualitativamente (i.e., sentir, sofrer) certos problemas relevantes. Ora chamamos essas pessoas de "insensíveis", ora as chamamos de "apáticas". Apatia tem sido um sério problema da democracia e mostra sua importância para o pensamento qualitativo, antes que mesmo que ele se inicie. Reformadores da democracia e líderes revolucionários querem que as pessoas em determinada sociedade fiquem alertas à sua própria opressão e busquem mudança, mas isso não é mera questão de conhecimento ou de falta de capacidade reflexiva. É primeira e principalmente uma questão de sentimento de que algo não estaria correto

no presente *status quo* ou nos relacionamentos com os outros. Se as pessoas não experimentarem o sentimento de opressão por si mesmas (de um modo imediato e qualitativo), não há esperança de que elas procurem achar a fonte do problema e encontrar caminhos para mudar sua situação. É verdade que argumentos e mesmo teorias podem ser ferramentas efetivas para "provocar" uma indeterminação imediata nas pessoas. Enquanto intelectuais, nós perdemos de vista o fato de que nosso sucesso em provocar uma investigação não é proporcional à força ou validade dos nossos argumentos intelectuais, mas decorre do puro efeito qualitativo que produzimos na pessoas. Há diferentes meios de quebrar a apatia das pessoas e de fazê-las pensar: argumentos, novelas, filmes, música, sátira, paródia, paus , pedras e bombas. Para tanto, deve-se ser pluralmente aberto aos possíveis significados, muito embora haja boas razões para se preferir alguns significados no lugar de outros. Preocupo-me que, enquanto intelectuais, nós ten-

demos a superestimar a força dos argumentos intelectuais para provocar reflexão, especialmente hoje quando as pessoas são bombardeadas com inúmeros estímulos para captar sua atenção, impedindo-as de pensar. Em suma, não há esperança para a democracia, se as pessoas não puderem perceber a falta de democracia como um problema.

**b) Interrupções desperdiçadas: Desvios e a falha em “sentir” o mesmo problema no seu todo**

Outra implicação da visão pragmática de investigação é que eventos sociais ou naturais perturbadores (e.g., 9/11, injustiças, furacões, guerras, terrorismo, crise econômica e desemprego) podem ser oportunidades de reflexão, e mesmo as antigas reflexões podem ser usadas para melhorar as condições atuais. Esse não é o otimismo que nega o mal e o trágico nesses eventos. É difícil falar de problemas sérios e de crises como “oportunidades”, mas isso é o que eles são, do ponto de vista dos pragmáticos. Situações inde-

terminadas não são apenas dolorosas, mas “desperdiçadas” quando não provocam investigação (nenhum aprendizado) ou levam a investigação desviada. Em recentes artigos do NY Times<sup>19</sup> fez-se alguma reflexão sobre como nomear os primeiros 10 anos do século XXI, baseada nos mais importantes eventos e desenvolvimentos dessa década. Bons candidatos foram “A Era da Ansiedade Perdida (The Era of Misplaced Anxiety)”, “A Década da Desordem (The Decade of Disruption)” e “A Década do Impensável (The Decade of the Unthinkable)”. Poderia ser o caso em que o nome mais apropriado seria “A Década das crises desperdiçadas (The Decade of Wasted Disruptions)”. Por exemplo, depois do 11 de setembro e depois do começo da crise econômica, líderes e pessoas desviaram a investigação para formulações do problema e para visões dos fatos que não tinham

---

<sup>19</sup> Ver [http://www.nytimes.com/2009/11/15/weekinreview/15segal.html?\\_r=2](http://www.nytimes.com/2009/11/15/weekinreview/15segal.html?_r=2)

qualquer relação com a situação indeterminada que foi experimentada. Nós temos líderes que descrevem os eventos perturbadores nos termos da dicotomia do “bem contra o mal” (nós contra eles). Muitas pessoas foram levadas a acreditar que os responsáveis pelo ataque do 11 de setembro eram todos do Iraque. Alguns, por outro lado, foram rápidos em construir suas próprias teorias da conspiração. São apenas alguns exemplos de como a análise de eventos perturbadores pode ser desperdiçada, porque a pesquisa foi desviada.

A investigação pode ser desviada ou confundida de muitas formas e para Dewey o pensamento qualitativo é a chave para diagnosticar esses problemas, bem como a sua solução. A investigação é desviada quando existe um “salto” ou desconexão entre a experiência da situação inicial indeterminada e a fase de investigação que Dewey chama de “instituição de um problema” (em sua *Lógica*). A situação indeterminada é, em princípio, pré-cognitiva, mas é

logo sentida como “problemática”, reclamando resposta para a pergunta “Qual é o problema?”. A essa altura, Dewey diz que “errar sobre o problema em questão é levar uma investigação subsequente à irrelevância ou à sua perda”<sup>20</sup>. Para Dewey, é o pensamento qualitativo que guia o investigador para que ele/ela saiba se ainda está enfrentando o mesmo problema ou se aventurando num problema diverso. Dewey explica que “sentir” o problema é o que nos protege dos “saltos” ou desvios no processo de investigação. A atenção ao contínuo, mas mutável, sentimento é o que “nos permite continuar pensando sobre um problema sem termos que parar constantemente para nos perguntarmos no que é que estamos pensando, afinal. Estamos examinado não apenas o problema, mas o considerando como um pano de fundo, um fio-condutor, e uma pista indicativa para compreender o que efetivamente pensamos. Pois as coisas que posteriormente

---

<sup>20</sup> DEWEY, John. *Logic: The Theory of Inquiry*, p. 112.

pensarmos devem ser compreendidas como suas distinções e relações.”<sup>21</sup>

Mais exemplos podem ajudar a ilustrar como comumente ocorrem desvios nas investigações. Hoje, muitas pessoas estão experimentando sérias rupturas em suas vidas, em relação às mudanças drásticas em seu ambiente social, em suas condições econômicas, em razão do desemprego, etc. De repente, estão todas aborrecidas e sentem uma aguda incerteza e indeterminação das suas situações. Entretanto, elas não sabem o porquê ou ainda não refletiram sobre suas situações. Em muitos casos, no lugar de enfrentar o sentimento concreto de indeterminação, ele é reprimido, evitado ou dissipado por meio de uma rápida associação a um problema (e a sua possível solução), havendo uma *desconexão* do problema experimentado inicialmente. Por vezes, isso é descrito co-

mo próprio de sentimentos (e.g. medo, raiva) que são deslocados para outros objetos convenientes que não têm relação alguma com o problema. Às vezes, nos associamos a uma primeira análise de “qual é o problema”, o que nos dá, por conseguinte, alívio, conforto e certeza imediatos, nos proporcionando alguma liberdade ou alívio. Sentimos a indeterminação da nossa situação, mas no lugar de guiarmos nossa investigação com atenção à qualidade (sentimento ou dor), assumimos alguma descrição simplista e de fácil assimilação do problema. Destarte, a indeterminação experimentada não funciona como deveria nas fases iniciais para guiar a investigação. O que é inicialmente sentido não é transformado em elemento do procedimento investigatório. Pelo contrário, é reprimido ou deslocado.

Sugiro que nós não deveríamos chamar esses últimos tipos de problemas de “falhas de raciocínio” ou problemas causados pela falta dele. Pensadores com habilidades lógicas perfeitas são susceptíveis

---

<sup>21</sup> DEWEY, John. “Qualitative Thought” in *The Latter Works of John Dewey*, v. 5, ed. Jo Ann Boydston (Carbondale: Southern Illinois University Press, 1984), p. 248.

ao desvio da investigação. Há muitos indivíduos altamente inteligentes que, embora bons em raciocínio, tendem a perder a linha da investigação, porque a perdem rapidamente por insensibilidade, ou não mantêm as primeiras sensações do problema. Nessas situações, suas capacidades de distanciamento reflexivo raramente funcionam como uma virtude. Na verdade, eles “pulam” para investigações diversas que, para alguém que sinta efetivamente o problema, são consideradas não correlacionadas. O hábito de sair pela tangente e de elaborar análises intelectuais irrelevantes para o problema concreto que iniciou a investigação é um vício comum dos intelectuais com falta de sensibilidade. Ter esse tipo de intelectual à frente da discussão é imprudente para uma comunidade democrática de investigação.

O problema da investigação desviada é, com certeza, mais comum entre os não intelectuais, que são muito mais propensos à manipulação emocional por outros. Esse é um problema atual que pode explicar alguns dos movimen-

tos populistas de base que temos visto. Num editorial recente do NY Times, Jurgen Habermas expressou preocupação com o estado da democracia na Europa, pois “políticos estão descobrindo que podem transformar as ansiedades sociais dos seus eleitores em agressão étnica contra grupos sociais ainda mais fracos”<sup>22</sup>. Na América e Europa, estamos testemunhando populistas de direita estimulando o preconceito político contra imigrantes invocando o medo através de imagens e outras técnicas. Habermas, contudo, reflete sobre o problema em termos de uma recaída em um “entendimento étnico da nossa constituição liberal” (no lugar de Estado liberal). Ele dá sua chamada característica para um discurso mais cívico, mas o problema concreto é que, para muitos, seus sentimentos de ansiedade social (causados por diversos fatores) estão sendo desviados ou

---

<sup>22</sup> HABERMAS, Jurgen. “Leadership and Leitkultur”, Publicação: October 28, 2010. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/10/29/opinion/29Habermas.html>

deslocados por um sentimento de raiva, hostilidade ou medo dos imigrantes. O problema não é apenas uma falha de raciocínio, tampouco um problema reduzido a um sistema político defeituoso. O preconceito popular e a mentalidade hostil da massa são problemas de investigação desviada que ocorre porque muitos são incapazes de guiar suas deliberações num caminho sustentado pela indeterminação por eles sentida. A sensibilidade qualitativa das pessoas é igual e facilmente desviada (e.g., da ansiedade para o ódio) ou dispersada em inúmeras direções que contêm a promessa de uma vantagem imediata. Dewey estava ciente desse problema contemporâneo, mas o problema hoje é mais grave. As pessoas são facilmente distraídas pelo entretenimento, vantagens imediatas, curtos períodos de atenção. Na perspectiva Deweyana, o problema não é que o pensamento qualitativo intercale e desvie (de modo que se deve apelar para a razão), mas que é um erro guiar a investigação através dele. Uma investigação sustentável, disciplinada e

contínua não é uma questão de investigar sem emoção ou de disciplina racional. Investigadores ideais são sensitivos às transformações qualitativas que ocorrem enquanto eles pensam; a investigação é guiada pela experiência. Investigadores ideais não são facilmente distraídos ou desviados pelo que não é dado como relevante ao problema em mãos. Eles são sensíveis à única dúvida de cada investigação.

### **c) A Falha em “Sentir” o que é Relevante**

Até agora, afirmei que o pensamento qualitativo é importante no sentido de não errar sobre o problema e evitar desvios e distrações, que são deficiências comuns na nossa democracia. Mostrei ainda que o pensamento qualitativo tem a importante função de guiar os investigadores no seu senso imediato do que é relevante ou irrelevante enquanto procedimentos investigatórios. Dewey afirma que emoção não é apenas a força movente da investigação, mas o “amálgama” que “seleciona o que é congruente e colore o

que é selecionado com sua respectiva cor, dando assim uma unidade qualitativa a materiais díspares e diversos”<sup>23</sup>. Em *Lógica*, Dewey nos apresenta a dois “males” que podem ocorrer se o investigador não é sensitivo o bastante para a situação como um todo. Há investigadores que reúnem fatos demais, enquanto outros forçam os fatos a esquemas teóricos ou conceituais pré-determinados. O remédio de Dewey é claro:

“O caminho - e único caminho - para escapar desses dois males é a sensibilidade à qualidade da situação como um todo [...] Se a única qualidade da situação é sentida imediatamente, então há algo que regula a seleção e a ponderação dos fatos observados, bem como da sua ordenação conceitual”<sup>24</sup>.

Esse entendimento é relevante para os dois males da “inundação de fatos” e do “pensamento ideológico” no cenário contemporâneo. Em

razão dos avanços tecnológicos, cidadãos contemporâneos sofrem uma sobrecarga de “informações”. Nunca tivemos tantos “fatos” à nossa disposição, mas não está claro o que fazer com eles, tanto para selecionar o que é relevante ou mesmo para aceitá-los como fatos. O segmento do público que se importa em fazer um julgamento informado sobre uma fonte sente-se perdido e dominado<sup>25</sup>. Essa situação é alimentada pelos males gêmeos mencionados acima por Dewey: as pessoas procuram uma orientação fornecida por uma ideologia predeterminada. A relevância da informação ou dos fatos na deliberação sobre alguns problemas sociais (e.g., saúde pública, educação) é, portanto, determinada pelo quadro teórico de tendências direitistas ou esquerdistas predeterminadas dos investigadores. Em outras palavras, no processo

<sup>23</sup> DEWEY, John. *Art as Experience* (Perigee Trade, 2005) p. 44.

<sup>24</sup> DEWEY, John. *Logic: The Theory of Inquiry* p, 76, my emphasis [.....]

<sup>25</sup> Livro recente com evidência de que essa é uma boa caracterização da vida de muitas pessoas atualmente ver: GITLIN, Todd. *Media Unlimited: How the Torrent of Images and Sounds Overwhelms Our Lives*, Metropolitan Books, 2002.

de investigação, o problema “sentido” (sua qualidade) não desempenha papel algum na regulação do direcionamento da investigação. Na verdade, pode-se presumir para onde a investigação irá; basta descobrir se a pessoa é de direita ou de esquerda.

A importância da sensibilidade para os problemas experimentados reforça a resposta de Dewey a Lippman sobre a elite não “estar sentindo o aperto”. Lippman tinha uma visão de elite da democracia e Dewey respondeu que a elite não estava em posição de ter um melhor julgamento sobre o que seria bom para o povo, uma vez que eles estariam muito longe dos problemas que eram diretamente sentidos e sofridos pelo povo. Para chegar a esse ponto, Dewey fez a seguinte analogia: “O homem que calça o sapato sabe que ele aperta e onde aperta, mesmo que o experiente sapateiro seja o melhor julgador de como o problema deva ser remediado”<sup>26</sup>. Como

o homem sente o sapato é fundamental para seu processo de conserto e ilustra o quão importante o pensamento qualitativo é para uma investigação. Atualmente, a elite intelectual continua a ignorar a importância do “estar sentindo o aperto”, enquanto o povo tem muitas distrações e diversões que não lhes permite guiá-los na investigação sobre “como se sentem com o sapato calçado”. Talvez isso seja algo que Dewey não poderia ter previsto.

## **A RELAÇÃO ENTRE RACIOCÍNIO E SENTIMENTO NO DISCURSO PÚBLICO**

Até agora, tenho exposto as razões porque os filósofos, e em particular, nós pragmáticos comprometidos com a Democracia, devemos abraçar a recente “revolução afetiva” na psicologia social e outras ciências<sup>27</sup>. As descobertas dos

---

(Carbondale: Southern Illinois University Press, 1984), p. 364.

<sup>27</sup> Muito dessa pesquisa foi feita nos termos dos papéis exercidos pela emoção-intuição moral e raciocínio moral no julgamento moral. Para um

---

<sup>26</sup> DEWEY, John. *The Public and its Problems in The Latter Works of John Dewey*, v. 2, ed. Jo Ann Boydston

cientistas trouxeram à questão a tradicional redução das emoções e intuições em face do raciocínio e da deliberação. A pesquisa mostra que os modelos de “escolha racional” usados na ciência política e as concepções de deliberação pública na filosofia estão distanciados do caminho que os cidadãos comuns, de fato, fazem ao tomarem suas decisões. A recente pesquisa científica confirmou uma das mais radicais afirmações de Dewey em relação à função do pensamento qualitativo: “Reflexão e elaboração racional surgem da intuição e tornam explícita uma intuição prévia”<sup>28</sup>.

Enquanto os pragmáticos abraçam essa recente pesquisa, eu devo, entretanto, apresentar uma palavra de cuidado sobre não adotar uma atitude crítica para com algumas dessas descobertas. Cientistas não

são mais imunes que filósofos ao pressupor ou adotar dualismos. De acordo com Jonathan Haidt e Selin Kesebir, Hume não estava totalmente correto, porque há uma primazia – e não ditadura – do sentimento sobre a razão. Eles escrevem “os precisos papéis desempenhados pela intuição e pelo raciocínio no julgamento moral não podem ser estabelecidos com base na evidência empírica existente”<sup>29</sup> e “um desafio central da psicologia moral moderna é especificar quando, onde e como a razão e sentimento interagem”<sup>30</sup>.

Todo pensamento começa com sentimento, nomeadamente a qualidade imediata da situação como um todo. Sentimento guia a reflexão; de fato “intuições” guiam a busca por evidência e justificação.

Para Dewey e James, contudo, razão e paixão não são nada mais que duas funções mutuamente dependentes da mesma experiência ou proces-

---

bom sumário e bibliografia dessa area de pesquisa ver “Morality” por Jonathan Haidt e Selin Kesebir em *The Handbook of Social Psychology* 5th Ed., S. Fiske, D. Gilbert, & G. Lindzey, eds., (Wiley, 2010) pp. 797-832.

<sup>28</sup> DEWEY, John. “Qualitative Thought”, p. 248.

---

<sup>29</sup> HAIDT, Jonathan; KESEBIR, Selin. “Morality” in *The Handbook of Social Psychology* P.807

<sup>30</sup> *Ibid.* p. 802.

so integral, ou seja, do pensamento.

Em segundo lugar, quando estamos defendendo as posturas mais normativas pressupostas por Dewey, nós devemos ser claros sobre a limitação da ciência. Pesquisas mostram que as pessoas, às vezes, substituem seus sentimentos iniciais que estão no âmago do ser, mas Haidt e Kesebir perguntam:

“Essas substituições ocasionais nos mostram que o raciocínio moral é melhor caracterizado – contra Hume – como um processo independente que pode facilmente vetar as conclusões da moral intuitiva (Greene, 2008)?”<sup>31</sup>.

Esses psicólogos sociais levantam essas questões para incentivar mais pesquisas científicas, mas não está claro em como isso irá ajudar a resolver as questões mais normativas. Saber quantas vezes julgamentos iniciais são revisados não nos diz o quanto eles *deveriam* ser revisados. Nessa questão normativa, a posição de Dewey é clara. Na deliberação ideal e no caráter ideal, a rela-

ção entre esses dois aspectos de pensamento deve ser de mútua afetação, para alcançar um julgamento final dentro do que a situação venha a requerer. Nós iniciamos com a intuição e depois procuramos pelas razões, mas idealmente essa busca reflexiva produz efeitos na intuição ou no sentir de toda a situação.

Retorno novamente à questão: porque isso é importante para a democracia? A negligência e repressão do qualitativo é uma consequência. Como Haidt e Kesebir observaram, “liberais nos EUA cometeram um grave erro ao adotar um racionalismo ou modelo “iluminista” da mente humana e, portanto, ao assumir que bons argumentos sobre boas políticas irão convencer eleitores a votar pelo Partido Democrático. Republicanos - eles mostram – têm aproximações intuitivas de persuasão política melhor desenvolvidas, tais como apelos emocionais e elaborados nas últimas três décadas, pelo me-

---

<sup>31</sup> *Ibid.* p. 807.

nos, antes de Barack Obama vir à presidência<sup>32</sup>.

A repressão do pensamento qualitativo na filosofia provavelmente inibirá filósofos sócio-políticos de compreender movimentos políticos. Os recentes “Chás da tarde” contêm supostamente os elementos de “base” de qualquer movimento democrático ideal, exceto quanto ao número de participantes que estão emocionalmente preparados para receber as narrativas formuladas pelos diálogos conservadores dos convidados de uma rádio, acerca do que são os seus problemas e quais seriam as soluções. É muito simplório argumentar que o problema com esses grupos é que eles não raciocinam o suficiente ou que são guiados simplesmente por paixão. Há também muitos grupos de esquerda propensos a aceitar o conforto das teorias conspiratórias ou explicações únicas para todos os nossos problemas sócio-políticos. Como se pode contrariar essas tendências que

continuam a prejudicar e embaraçar o discurso público? Dewey não tem uma resposta simples, mas para ele repressão não é a resposta. Precisamos revisar nossas noções de discurso público de forma que dê ao pensamento qualitativo a sua devida função.

Deixe-me fechar considerando algumas possíveis objeções ao antirracionalismo de Dewey. Se, como Dewey acreditava e recentes pesquisas confirmam, nós todos buscamos por evidências ou razões que se encaixem ou reforcem nossas primeiras intuições ou “reações viscerais”, então como isso pode não representar nada, apenas certezas oriundas da “racionalização” ou do “ideológico”? Não seria falso esse elemento *antirracionalístico* que tenta implantar a intuição na investigação, devendo, assim, o pensamento “qualitativo” ser descreditado?

O que é problemático sobre essa mentalidade ideológica de um público não é que eles se permitam serem guiados pelo pensamento qualitativo, mas que exista algo muito superficial, unificado ou homogêneo no que eles “sen-

---

<sup>32</sup> HAIDT, Jonathan; KESEBIR, Selin. “Morality” in *The Handbook of Social Psychology* p.823.

tem”. No pensamento ideológico, a investigação está sob domínio de uma mentalidade ou de um contexto de crenças, mas o que torna esse tipo de pensamento perigoso e contagioso é que está no domínio e controlado por – uma única intuição ou “sentimento visceral” (tal como o medo do governo, o amor a uma nação, etc). Mesmo quando somos simpáticos à preocupação da disseminação do pensamento qualitativo ou dos valores que orientam o pensador ideológico, precisamos ter em mente que uma única paixão o dominou, o tornou insensível a outras paixões que estavam competindo em situações que viriam a requerer uma decisão reflexiva. Em outras palavras, pensadores ideológicos não são apenas mentalmente fechados, mas também unilaterais ao permitir apenas uma “intuição” para dominar sua investigação em fatos e razões. A alternativa adequada a um quadro de investigação com um único e fixo valor ou emoção não é reprimir toda intuição e fingir adotar um valor neutro menos “objetivo” do ponto de vista da razão públi-

ca. Pelo contrário, o antídoto para uma aproximação ideológica dos problemas é a existência de investigadores que se tornem sensitivos à variedade de conflitos de valores em jogo nas situações problemáticas da vida social. Eles precisam aceitar de forma imediata e qualitativa que soluções ideológicas tendem a simplificar em demasia os problemas. Por conseguinte, mais e não menos “sentimentos viscerais” podem ajudar quando o pensamento ideológico gerar uma distorção cognitiva<sup>33</sup>. As pes-

---

<sup>33</sup> Por exemplo, em muitas questões sociais, tais como o aborto ou os sem-teto, há muita discordância quanto aos fatos, mas o que as pessoas sentem sobre essa questão normalmente determina o quão bem os fatos serão vistos. No caso dos sem-teto da urbe, alguém com um único e forte sentimento negativo contra o vício e a insegurança que ela gera, potencializado pela mídia amedrontadora, pelo pensamento de massa e experiências negativas, enxergará o fato de que nem todos os sem-teto da urbe são “parasitas”. Por outro lado, alguém com um forte sentimento sobre a importância de ajudar aos outros tende a desconsiderar que nem todos os sem-tetos drogados são vítimas. Isso mostra como algumas vezes as ques-

soas capazes de experimentar a pluralidade de valores (intuições conflitantes), nesse tipo de situações compreendem a inaptidão das soluções ideológicas. O que nós precisamos numa democracia é de pessoas mais receptivas às intuições.

Estaria Dewey diagnosticando que todo pensamento seria uma forma de racionalização? Racionalizações não são usualmente uma coisa boa, mas, novamente, o culpado não é o pensamento qualitativo. Nas racionalizações, o problema não é que estejamos procurando por evidências ou razões que se encaixem ou reforcem nossas primeiras intuições ou “reações viscerais”, mas sim no momento em nós paramos de investigar. O problema é que intuições ou sentimentos não estão abertos para mudanças ou transformações por conta de mais investigações racionais. O problema não é que existam paixões, mas que elas sejam imutáveis. Provocá-las de tal

maneira que enfraqueça sua influência sobre o processo e sobre nós, requer, talvez, *mais* paixões.

Há algo simplesmente insincero sobre racionalizações; porque elas podem ser um caso de investigação divergente que já foi explicada. Sentimentos são explicados de maneira lógica ou racional para evitar a verdadeira explanação sobre o comportamento ou sentimento em questão. É o caso de fornecer razões que não têm nada a ver com a intuição inicial. A falha da continuidade poderia bem ser causada pela inobservância do pensamento qualitativo. Contudo, Dewey diz que o pensamento qualitativo é o que ajuda a investigação a permanecer “sincera”.

Tendo demonstrado a importância do pensamento qualitativo para a deliberação pública, para Dewey há mais na democracia do que a noção superficial de deliberação comunal. O pensamento “qualitativo” também integra as relações democráticas e desempenha uma função, monitorando como são democráticas as nossas relações. Por

---

tões podem ser polarizadas e como dois lados de uma questão tornam-se incompatíveis de atender a cada situação com seus próprios méritos.

exemplo, a preocupação com a democracia surge quando algum grupo “sente-se” excluído porque o governo não representa suas opiniões. É claro, alguns desses sentimentos são, por vezes, após reflexão, injustificáveis. Ainda assim, é com esse tipo de sentimento que nós devemos iniciar e continuamente lidar, no sentido de descobrir se a democratização está acontecendo. O que queremos numa sociedade democrática é que ninguém “sinta-se” excluído do processo democrático. Uma objeção óbvia é que, ao enfatizar o qualitativo, haja negligência das condições concretas (e.g. políticas, econômicas) que devam ser mudadas. Encontrar um caminho para fazer as pessoas “sentirem” que não estão alienadas e oprimidas, mesmo que estejam, é provavelmente o cenário ideal de um Estado totalitário. Essa objeção, entretanto, aponta meramente para um perigo de excesso na ênfase, um problema que podemos reconhecer sem desistir da tese sobre a importância do pensamento qualitativo na democracia.

Em suma, não há como negar os caminhos perversos e problemáticos pelos quais o pensamento “qualitativo” permeia atualmente o discurso público na América. Contudo, filósofos pragmáticos da democracia não devem diminuir ou negligenciar a importância da dimensão qualitativa da democracia. Isso equivaleria a tentar reprimir o que não pode nem deveria sofrer repressão. Isso equivale ao oferecimento de visões da democracia que são muito frágeis para lidar com os desafios contemporâneos. Pensadores sócio-políticos pragmáticos estariam mais bem equipados intelectualmente para enfrentar os desafios que o país encara se tivessem seguido os mais radicais entendimentos de Dewey. Nós devemos expandir a lógica de Dewey para incluir e elaborar os ensinamentos que ele nos legou sobre o inevitável papel do pensamento qualitativo e como ele sustenta a democracia. O problema da democracia não é apenas o de um povo que não pensa, mas de pessoas que não “sentem” como deveriam. Iremos precisar de uma concepção de edu-

cação para a democracia que enfatize – mais do que nunca – comunicação visual, hábitos de imaginação e sentimentos.